

ESPAÇO PÚBLICO E PERTENCIMENTO

A revitalização dos espaços públicos é ação primordial no contexto urbano atual. Ação que deve ser pautada por aspectos de sociabilidade, identidade e resiliência ambiental. Buscando aliar tais premissas, a proposta apresentada parte da compreensão do espaço público como a sala de nossas casas. Roberto da Mata afirma que “o ponto crítico da identidade social no Brasil é, sem dúvida, o isolamento, quando não há nenhuma possibilidade de definir alguém socialmente por meio de sua relação com alguma coisa”. Associar o público/coletivo das praças com o privado/individual das pessoas resultando em um lugar com que as pessoas se identifiquem foi o objetivo comum para os cinco sítios trabalhados. Os projetos de recuperação e reparação de lugares implicam uma série de estratégias para readaptar, transformar e finalmente recalibrar o lugar resultando em maior pertencimento da população com o lugar. Entre elas:

- Ativação dos usos consolidados: Foi utilizado como diretriz a manutenção e qualificação dos usos existentes como áreas de encontro, de lazer, esportivas, mirantes, escadarias, contenções, áreas verdes, etc. Compreende-se que tais ocupações hoje informais, demonstram como a população local se apropria do espaço público em sua dimensão social, ambiental e útil.
- Melhoramento e ativação dos fluxos naturais: outra diretriz implantada em todos os sítios foi a de manter e qualificar os acessos e fluxos de circulação hoje existentes. Os caminhos nos sítios, muitas vezes apenas uma trilha de terra em meio a grama, revela muito das necessidades da população ao redor de cada sítio e registra como um morador se desloca para os usos no bairro, como acontece a conexão com sistemas de transporte público, etc.
- Melhoramento ecológico: Compreendidos os usos e fluxos locais, é necessário que os sítios fossem tratados com ênfase em questões ambientais. Assim, buscou-se utilizar ao máximo a drenagem natural de cada sítio, com implantação de jardins de chuva, valas filtrantes e bacias de contenção sempre respeitando a topografia natural/atuat. Também foram implantadas espécies paisagísticas que buscam estimular a biodiversidade local. As construções, pisos e mobiliários serão modulares e com materiais reciclados, recicláveis e reutilizáveis (madeira para estruturas, pisos texturizados com argamassa de baixo cimento e tijolo moído de reaproveitamento).

Após esta abordagem comum, a estratégia subsequente foi abordar cada sítio relacionado ao seu contexto direto.

O FENÔMENO E A PAISAGEM URBANA

O projeto de paisagismo para as áreas do Santa Tereza leva em consideração a dicotomia entre as intervenções empíricas e cotidianas do espaço urbano – definidoras do fenômeno da cidade, e as intervenções físicas do espaço que surgem através de projetos específicos. Ambas, em consonância ou não, definem a forma da cidade e condicionam a sua utilização.

O fenômeno urbano é estabelecido por caminhos espontâneos, pequenas clareiras, espaços informais de brincar, refletir e interagir. Se estão ali, há uma razão para isso, geralmente com laços mais profundos com o lugar do que o projetista designado para concebê-lo. Por outro lado, a viabilidade técnica e econômica para a transformação de determinado espaço vem por meio de obras formais, idealmente fruto de projetos arquitetônicos para esses espaços.

A situação ideal é aquela onde ambas se encontram, e os fenômenos passam a ser incorporados nos projetos, levando em consideração as pré-existências locais e com isso, a forma de utilização tradicional dos ambientes. Foi justamente nesse ponto de interseção que desenvolvemos as 5 áreas de Santa Tereza. Todas possuem caminhos e espaços pré-criados, e igualmente dependem de novas conexões e incremento programático. Essa combinação permitiu a criação de categorias de caminhos e espaços.

Para todas as 5 áreas foram criados os eixos, ou seja, conexões rápidas e diretas que cortam a área e permitem ao transeunte cruzá-las com facilidade, eventualmente compostas por escadas. Todas também possuem os promenades, ou seja, caminhos 100% acessíveis com base nas preexistências que permitem ao transeunte passear entre os diferentes espaços por caminhos mais sinuosos e menos objetivos. Ao longo de ambos os caminhos, estão dispostos os espaços cobertos e descobertos que compõem as 5 novas praças.

OS PISOS E A RELAÇÃO LOCAL

Os caminhos e espaços possuem diferentes tipologias de piso a partir de texturas específicas, garantindo a perfeita leitura das categorias, e dando unidade para todas as intervenções. Dessa forma, quem visitar diferentes locais perceberá que fazem parte de um mesmo complexo. As texturas utilizadas fazem sítíl referência ao charque, alimento utilizado no século XIX e muito difundido no bairro Santa Tereza. Os pisos serão moldados in loco, com mistura de cimento, solo local e material reciclado como tijolos, concreto e agregados leves. Assim, a partir de modulações variadas funcionarão como blocos intertravados, trazendo uso para parte do excesso de material retirado e uma harmonia cromática com o entorno natural. Os diferentes traços de solo natural, cimento e corantes naturais permitirá a variação das cores, e o fato de serem autotravados os mantém permeáveis.

As texturas utilizadas serão do tipo ranhurado para pisos em locais de lazer, estar, jogos, com circulação menos direta, mas fluida e contemplativa. Já a textura do tipo placas de 6,00x1,00 m serão utilizadas em locais de circulação mais direta, com menos usos com aglomeração de pessoas. Visando trazer integração de áreas veiculares e peitonais, ampliando assim o uso desses espaços e a continuidade espacial, foram propostas pinturas de piso em determinados trechos, podendo esses ser fruto de desenhos comunitários, ou escolhidos por essa. Buscando o máximo possível de permeabilidade, os espaços descobertos e trilhas possuirão piso saibro, areia ou áreas gramadas, seja em parques infantis, campos de futebol, churrasqueiras, entre outros.

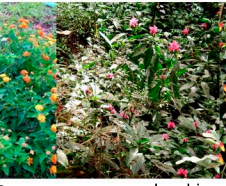
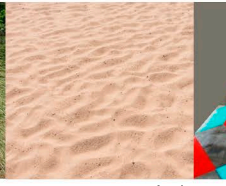
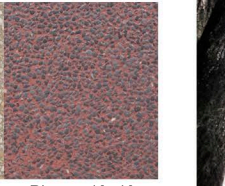
A VEGETAÇÃO E A RESILIÊNCIA URBANA

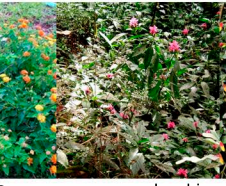
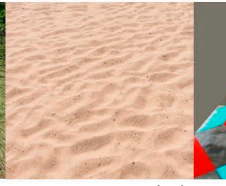
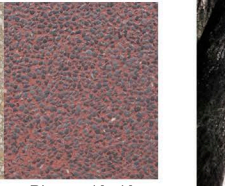
Para a escolha das espécies vegetais, foram consideradas apenas espécies nativas da região de Porto Alegre. Uma combinação de árvores de diferentes portes irão gerar uma variação cromática para os espaços ao longo das estações do ano. As de pequeno porte foram utilizadas em locais aonde a manutenção das visuais por sobre essas era importante, as de médio porte para as maiores demandas por sombra e as de grande porte para servirem de ponto focal na paisagem. Também foram escolhidas espécies frutíferas nativas, buscando a melhoria da biodiversidade local, com atração de avifauna e pequenos mamíferos, além da disseminação de pomares e hortas comunitárias ao longo das praças.

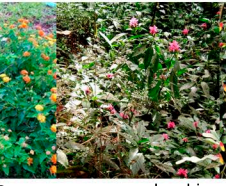
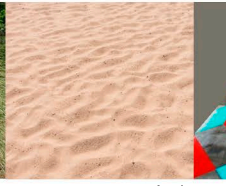
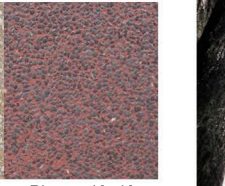
Todas as praças possuirão um sistema retenção de águas pluviais, garantindo que todas as águas residuais próprias sejam contidas no lote, mas para além disso, auxilie também na contenção das águas do entorno imediato. O desenho topográfico também servirá como ferramenta para evitar deslizamentos de terra. Para a área 5, haverá ainda uma wetland com função de tratamento primário dos resíduos produzidos nos ambientes internos, cumprindo, além de sua função prática, um papel importante na educação ambiental de jovens e adultos, moradores, usuários ou transeuntes desses espaços.

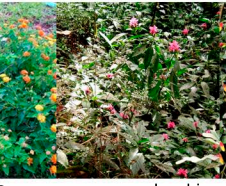
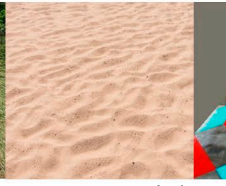
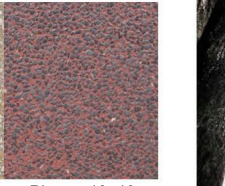
									
<i>Aroeira saia</i> <i>Schinus molle</i>	<i>Butiá</i> <i>Bulbia odorata</i>	<i>Jerivá</i> <i>Syagrus romanzoffiana</i>	<i>Ipê Amarelo</i> <i>Handroanthus chrysotrichus</i>	<i>Ipê Roxo</i> <i>Handroanthus chrysotrichus</i>	<i>Jacarandá</i> <i>Jacaranda mimosifolia</i>	<i>Pata-de-Vaca</i> <i>Eurhima forficata</i>	<i>Guabioba</i> <i>Psidium catagayum</i> Sib.	<i>Araçá-amarelo</i> <i>Allophylus edulis</i> (St.Hil) Radlk.	<i>Chal-chal</i> <i>Allophylus edulis</i> (St.Hil) Radlk.

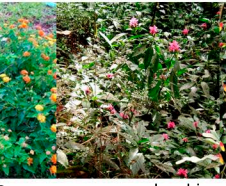
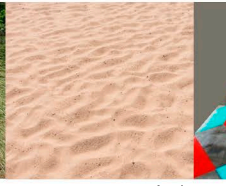
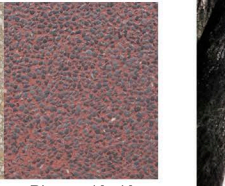
									
<i>Maranta leuconeura</i>	<i>Capim-barba-de-bode</i> <i>Antistia jubata</i>	<i>Grama batatais</i> <i>Paspalum notatum</i>	<i>Azulzinha</i> <i>Evolvulus glomeratus</i>	<i>Macela</i> <i>Achyrocline satureioides</i>	<i>Avenca</i> <i>Adiantum radclianum</i>	<i>Grama Amendoim</i> <i>Arachis repens</i>	<i>Alface d'água</i> <i>Pistia stratiotes</i>	<i>Murré</i> <i>Pontederia cordata</i>	<i>Filodendro ondulado</i> <i>Thaumatococcus danianum</i>

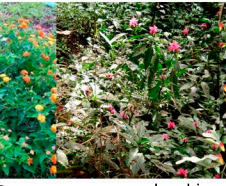
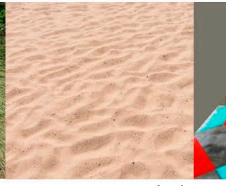
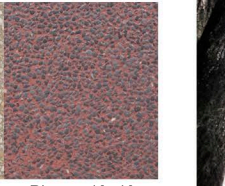
									
<i>Phyllanthus sellowianus</i>	<i>Caliandra rosa</i> <i>Calliandra brevipes</i>	<i>Camara</i> <i>Lantana camara</i>	<i>Jacobina</i> <i>Justicia carnea</i>	<i>Farroupilha</i> <i>Justicia floribunda</i>	<i>Capim dos pampas</i> <i>Cortaderia selloana</i>	<i>Capim santa-fé</i> <i>Colostera pruriens</i>	<i>Areia</i>	<i>Pintura</i>	<i>Placas 40x40cm</i>

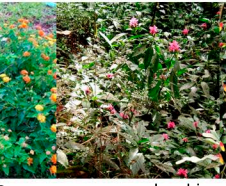
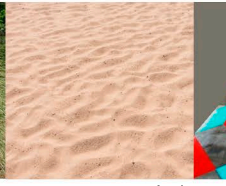
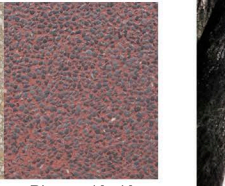
									
<i>Phyllanthus sellowianus</i>	<i>Caliandra rosa</i> <i>Calliandra brevipes</i>	<i>Camara</i> <i>Lantana camara</i>	<i>Jacobina</i> <i>Justicia carnea</i>	<i>Farroupilha</i> <i>Justicia floribunda</i>	<i>Capim dos pampas</i> <i>Cortaderia selloana</i>	<i>Capim santa-fé</i> <i>Colostera pruriens</i>	<i>Areia</i>	<i>Pintura</i>	<i>Placas 40x40cm</i>

									
<i>Phyllanthus sellowianus</i>	<i>Caliandra rosa</i> <i>Calliandra brevipes</i>	<i>Camara</i> <i>Lantana camara</i>	<i>Jacobina</i> <i>Justicia carnea</i>	<i>Farroupilha</i> <i>Justicia floribunda</i>	<i>Capim dos pampas</i> <i>Cortaderia selloana</i>	<i>Capim santa-fé</i> <i>Colostera pruriens</i>	<i>Areia</i>	<i>Pintura</i>	<i>Placas 40x40cm</i>

									
<i>Phyllanthus sellowianus</i>	<i>Caliandra rosa</i> <i>Calliandra brevipes</i>	<i>Camara</i> <i>Lantana camara</i>	<i>Jacobina</i> <i>Justicia carnea</i>	<i>Farroupilha</i> <i>Justicia floribunda</i>	<i>Capim dos pampas</i> <i>Cortaderia selloana</i>	<i>Capim santa-fé</i> <i>Colostera pruriens</i>	<i>Areia</i>	<i>Pintura</i>	<i>Placas 40x40cm</i>

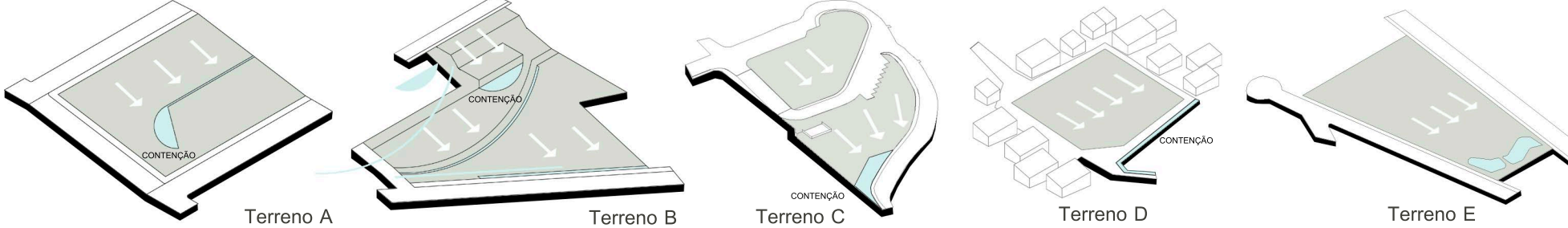
									
<i>Phyllanthus sellowianus</i>	<i>Caliandra rosa</i> <i>Calliandra brevipes</i>	<i>Camara</i> <i>Lantana camara</i>	<i>Jacobina</i> <i>Justicia carnea</i>	<i>Farroupilha</i> <i>Justicia floribunda</i>	<i>Capim dos pampas</i> <i>Cortaderia selloana</i>	<i>Capim santa-fé</i> <i>Colostera pruriens</i>	<i>Areia</i>	<i>Pintura</i>	<i>Placas 40x40cm</i>

									
<i>Phyllanthus sellowianus</i>	<i>Caliandra rosa</i> <i>Calliandra brevipes</i>	<i>Camara</i> <i>Lantana camara</i>	<i>Jacobina</i> <i>Justicia carnea</i>	<i>Farroupilha</i> <i>Justicia floribunda</i>	<i>Capim dos pampas</i> <i>Cortaderia selloana</i>	<i>Capim santa-fé</i> <i>Colostera pruriens</i>	<i>Areia</i>	<i>Pintura</i>	<i>Placas 40x40cm</i>

									
<i>Phyllanthus sellowianus</i>	<i>Caliandra rosa</i> <i>Calliandra brevipes</i>	<i>Camara</i> <i>Lantana camara</i>	<i>Jacobina</i> <i>Justicia carnea</i>	<i>Farroupilha</i> <i>Justicia floribunda</i>	<i>Capim dos pampas</i> <i>Cortaderia selloana</i>	<i>Capim santa-fé</i> <i>Colostera pruriens</i>	<i>Areia</i>	<i>Pintura</i>	<i>Placas 40x40cm</i>

DRENAGEM E CONTENÇÕES

Os dados pluviométricos da cidade de Porto Alegre indicam no começo e final do ano variações de 150 até 250 mm mensais. Somado a esta alta pluviosidade, recentes acontecimentos mostram como a concentração de chuvas pode ser incrementada e concentrada em função do regime climático do Sul do Brasil. Tal questão resultou em duas diretrizes para drenagem urbana: primeiro inserir lagos e bacias de contenção sempre que possível. Nos terrenos A, B, C, E foram dispostos lagos que recebem laminas d'água com profundidade média de 30 cm e capacidade para contenção de chuvas de até 1,30 m de altura. No terreno D, assim como em outros, o próprio campo de futebol atua como possível área de contenção de chuvas, sendo alagado. Ainda, foi garantido o mínimo de 50% de pisos permeáveis (grama, saibro) em todos os terrenos.



ARRUAMENTO

O melhoramento viário das vias perimetrais a cada sítio foi projetado de modo a maximizar a implantação de canteiros vegetados que atuam como jardins permeáveis e de baixa manutenção, possibilidade A implantação de ciclorrotas respeitando dimensionamentos do MBST Vol. VIII (Manual Brasileiro de Sinalização de Trânsito) e com ligação às avenidas próximas e implantação de rampas PcDs, faixas de pedestres e travessias elevadas. No sítio A, junto ao passeio foi implementado jardim permeável em todas as testadas, além disso, houve a implantação ciclorrota na Rua Dona Helena, se estendendo pela Rua Dona Otília e ligando com a ciclovia existente na Av. Cruzeiro do Sul/Tronco. A ciclorrota tem continuidade na Rua Dona Otília, passando pela Rua Orfanatório e Rua Ariovaldo São Janson chegando ao sítio B. No núcleo correspondente aos sítios C e D, a ciclorrota se estende, indo da Rua Corrêa Lima e passando por parte da Rua Tvs até se tornar uma via compartilhada entre ciclistas e pedestres passando pela Rua Principal da vila Gaúcha e chegar ao sítio D. Partindo da Rua Corrêa Lima, a ciclorrota pode ter continuidade e se ligar com a ciclovia existente na Av. Cruzeiro do Sul/Tronco. No sítio E, a ciclomobilidade também se dá por meio de uma ciclorrota, localizada na Rua Mariano de Matos, tendo ligação com a ciclovia existente na Av. Cruzeiro do Sul/Tronco.

